

CALISTO, 22/11/2186

Da janela de sua cabine, Eva Lins observa a massa descomunal de Júpiter rapidamente bloqueando o Sol. Começava outra solitária noite na Estação Éden, localizada em Calisto, uma lua do maior planeta do Sistema Solar. As luzes vermelhas dos gigantescos tanques de armazenamento de hidrogênio líquido — localizados a cerca de dois quilômetros de distância do alojamento da garota — tornavam-se gradualmente mais visíveis à medida que a escuridão avançava pela superfície congelante do satélite jupiteriano. Ainda mais distantes, as luzes azuis e brancas da imensa plataforma de aterrissagem dos cargueiros espaciais piscavam intermitentemente, mesmo sem nenhum pouso programado para o próximo mês.

Lins, uma engenheira mecânica com especialização em Robótica, alonga-se por alguns instantes e se deita em sua confortável cama suspensa. Seu dia de trabalho foi calmo — porém longo e tedioso —, sem nenhuma ocorrência de manutenção. Na prática, ela passara as últimas doze horas apenas observando os diversos monitores com informações dos robôs que trabalhavam na Estação Éden e nas naves coletoras que iam e vinham de Júpiter. Insone, Eva — através de comandos de voz para sua assistente virtual — liga o sistema de som de sua cabine e seleciona uma *playlist* de Beth Orton. A sublime voz da cantora britânica — gravada há quase dois séculos — preenche o recinto: “*Sei que é difícil amar alguém de novo / Quando alguém destruiu seu mundo / Mas vamos lá e deixe-se levar / Não pense mais nisso.*”¹

¹ Tradução livre de trecho da música “*Did Somebody Make A Fool Of You?*”, presente no álbum “*Comfort Of Strangers*”, lançado em 2006 pela cantora inglesa Beth Orton.

A engenheira se estirada no leito e manuseia uma folha de papel eletrônico, onde lê as últimas notícias vindas da Terra. Não há nada realmente novo, apenas os assuntos de sempre: os desastres climáticos causados pelo agora irreversível aquecimento global, as manobras políticas da China para se manter como a maior superpotência planetária e a eterna luta do Brasil para acabar com a corrupção endêmica em todas as esferas de poder. Lins já se encontrava fora há quase três anos e parecia que nada havia mudado em seu planeta natal.

Eva ocupa o posto de Chefe de Manutenção Robótica da Estação Éden de Processamento de Hidrogênio Líquido. O enorme complexo industrial — propriedade da empresa brasileira **HidroBrás** — tem como função coletar, liquefazer e armazenar o hidrogênio extraído da atmosfera de Júpiter. A função da engenheira consiste em manter e reparar as dezenas de robôs que executavam todas aquelas tarefas, garantindo o bom andamento das operações da estação. Trata-se de um trabalho muito bem remunerado, que exige alta qualificação técnica e que não envolve nenhum risco, visto que os reparos e as tarefas de manutenção ocorrem sempre no interior do complexo. Visto que a rotina pode se tornar extremamente monótona, para manter sua sanidade mental e ajudar na passagem do tempo, Eva sempre recorre à Música e ao Cinema.

Além de Lins, outros quatro humanos trabalham na estação: Márcio Queiróz, o gerente-geral do complexo; Marta Laurentys, responsável pelos sistemas de liquefação e armazenamento do hidrogênio; Guilherme Freitas, piloto; e Harley Guedes, médico. Os demais trabalhadores são robôs pesados, responsáveis pela coleta do hidrogênio na hostil atmosfera jupiteriana; e andróides, que exercem funções auxiliares nas instalações.

Devido às enormes proporções da estação, Eva raramente trava contato físico com as demais pessoas e utiliza o sistema interno de comunicação do complexo para conversar com seus colegas de trabalho. De qualquer forma, ela interage muito pouco com os demais humanos, limitando-se a trocar mensagens estritamente necessárias. Tal cenário não a incomoda, visto que um dos motivos para a engenheira ter se candidatado àquele posto é exatamente a pouca convivência com outros indivíduos, informada na descrição do cargo.

A roboticista se sente muito mais à vontade lidando com o comportamento objetivo e estritamente protocolar dos andróides do que convivendo com as inconstâncias temperamentais dos humanos. Para ela, o contrato de oito anos com a **HidroBrás** representa uma dádiva celestial, uma oportunidade de fugir de certos aspectos da humanidade que a incomodavam de forma muito contundente. O nível quase permanente de conectividade ao qual se submetem os terráqueos se tornou insuportável para a engenheira. Cercada por redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas, realidade aumentada e informações de localização via GPS — dentre outras tecnologias —, Eva tem a percepção de que não mais possuía o direito à solidão. O isolamento voluntário na Estação Éden é tudo o que precisa.

Enquanto escuta a voz de Beth Orton e espera o sono a dominar, Lins sente seu comunicador de pulso vibrar. O dispositivo — similar a uma pulseira de plástico, com pouco mais de um centímetro de espessura — recebe e envia mensagens na rede social corporativa da **HidroBrás**, além de emitir a localização do usuário. A política da companhia exige a utilização do comunicador — em tempo integral — dentro de todas as suas instalações e veículos, regra que incomoda bastante a engenheira, visto que ela somente colocará os pés para fora do complexo quando entrar na nave que a levará de volta à Terra. Dado sua obrigação em usar o dispositivo todo o tempo, Eva visualiza publicações, recebe mensagens e tem sua localização disponível — a qualquer hora — para qualquer um dos milhares de funcionários da empresa espalhados pelo Sistema Solar, algo que a inquieta. A solução que encontrou para mitigar a situação foi modificar as opções de privacidade do aplicativo, de modo que somente *posts* de pessoas por ela especificadas gerem notificações. Assim, Lins recebe informações apenas quando um de seus quatro seus companheiros de trabalho na Estação Éden publica algo na rede social da companhia interplanetária.

O pulso da engenheira vibra outras três vezes e ela decide silenciar as notificações para que consiga dormir. Antes, porém, verifica quem postou algo àquela hora. Com um toque no comunicador, Eva aciona a lente digital colocada em seu olho esquerdo, onde são projetadas as últimas publicações na rede social da **HidroBrás**. A utilização da lente no ambiente profissional constitui outra norma da companhia. O artefato consiste numa película gelatinosa — semelhante às primitivas lentes de contato convencionais para correção visual — que exibe informações recebidas do comunicador de pulso, bem como diversos dados vitais do usuário. Lins desconfia que o dispositivo também transmita tudo o que os funcionários veem e ouvem, algo peremptoriamente negado pela empresa.

Ao pressionar o comunicador, quatro fotos de Marta Laurentys surgem na lente de Eva. Nelas, a responsável pelo processamento do hidrogênio — em trajes esportivos bastante justos — exibe o corpo bem definido diante de aparelhos instalados na academia do complexo. A legenda do *post* diz: “*Mesmo em outro planeta, a malhação não pode parar*”. O texto arranca um suspiro desalentador da especialista em Robótica, que constata que a publicação já recebeu quase duas mil curtidas. Dentre seus quatro colegas de estação, Laurentys é — folgadoamente — a mais ativa na rede social da **HidroBrás**. O perfil da especialista em Química e Processos Industriais se enquadrava no arquétipo que mais causa fadiga a Lins: o usuário exibicionista que fotografa e publica todas — rigorosamente todas — as suas atividades ao longo do dia, transformando sua página pessoal num indiscreto diário. Eva já perdeu a conta da quantidade de *posts* feitos por Marta contendo *selfies* logo ao acordar ou de fotos aleatórias de sua mesa de trabalho. Quem precisa, ou melhor, quem deseja ver aquilo?

Apesar de não publicarem com a mesma frequência de Laurentys, os outros funcionários da Estação Éden apresentam perfis bastante familiares: Márcio é o pai ausente que insiste em publicar fotos antigas tiradas com os filhos; Harley, o *hater* sem causa que utiliza a rede social para destilar ódio indiscriminadamente; Guilherme, o baladeiro inveterado, incapaz de postar uma foto sem um copo de bebida nas mãos. A minúscula força de trabalho do complexo industrial constitui, na verdade, um microcosmo que emula o comportamento da maioria da população terrestre nas redes sociais: há hipocrisia, exibicionismo, intolerância.

Subitamente, o *post* de Marta Laurentys relembra a engenheira de suas experiências nas redes sociais no planeta Terra: memórias das sensações desconfortáveis causadas pelo uso de aplicativos que a mantinham conectada com o mundo virtual todo o tempo. Eva se recorda de como se sentia deslocada ao ver postagens extremamente populares que continham pessoas — aparentemente felizes — participando de eventos ou atividades que não lhe interessavam. Lembra-se, também, das vezes em que sentimentos como fracasso e inveja lhe ocorreram após ver publicações de pessoas que pareciam mais felizes, mais bem-sucedidas e mais bonitas que ela.

Tempos atrás, um *post* como aquele teria causado um efeito muito negativo sobre a engenheira. Nesta noite, porém, sua única reação é a sensação de preguiça intelectual. Após visualizar e curtir a publicação de Marta, num mero ato de boa convivência social, Lins aciona o modo silencioso de seu comunicador de pulso e fecha novamente os olhos. Após alguns minutos, adormece ao som de *Blood Red River*².

² Faixa presente no álbum “*Central Reservation*”, lançado em 2006 pela cantora britânica Beth Orton.

CALISTO, 29/11/2186

Eva se encontra na ala médica do complexo, sentada à antessala do consultório do doutor Harley Guedes. O médico — na casa dos quarenta anos — tem boa aparência, mas sua baixa tolerância a opiniões divergentes e suas sucessivas cantadas, feitas em consultas anteriores, acabaram por transformá-lo numa personagem repugnante para a engenheira. Como o protocolo de monitoramento de saúde da **Hidrobrás**, todavia, exige que todos os funcionários da Estação Éden se submetam a exames bimestrais, a Chefe de Manutenção Robótica se viu forçada a se deslocar de seu setor até o local de atuação de Guedes.

Trinta minutos já se passaram em relação ao horário previamente agendado pelo médico, mas ele ainda não apareceu. Entediada, Lins liga seu *tablet* e começa a analisar os dados dos robôs que, neste instante, coletam hidrogênio na atmosfera de Júpiter e que, ao fim do dia, serão levados ao seu setor para manutenção preventiva.

— Olá, novata! — saúda uma voz feminina.

Por se encontrar concentrada na análise das informações mostradas na tela de seu dispositivo móvel, a especialista em Robótica não percebeu a chegada de Marta Laurentys.

— Há quanto tempo não nos encontramos pessoalmente, querida! — comenta a química. — Tudo bem com você?

— Eu estou bem, obrigada. — Lins responde, polidamente. — O doutor Guedes me convocou para o exame bimestral.

— Compreendo. — diz Marta, sentando-se num banco exatamente à frente de Eva. — Senti um desconforto na coxa ao fazer um exercício físico ontem e gostaria que o Harley examinasse o local.

Enquanto a engenheira usa um descuidado conjunto de moletom, Laurentys veste uma justíssima roupa de ginástica, que realça ainda mais os contornos de seu belo corpo. A responsável pelos sistemas de liquefação e armazenamento de hidrogênio é uma mulher capaz de chamar a atenção de ambos os sexos em qualquer lugar que adentre e — tendo consciência disto — usa-o a seu favor. Em outros tempos, Lins — uma mulher bonita, apesar de não possuir o mesmo apelo sexual de Marta — se sentiria intimidada pela beleza de sua colega de trabalho e se julgaria inadequadamente vestida. Hoje, porém, sua reação se limita a um simples menear de cabeça.

— Você não tem saído muito de sua ala, não é, novata? — indaga a química. — Muito trabalho?

— Sim. — Lins responde, tentando encurtar a conversa.

— Você também não tem postado nada na rede social nos últimos dias... — Marta continua, num tom malicioso. — Está tudo bem?

— Sim, está. — Eva afirma, evasiva. — Não tenho postado nada porque acho que ninguém está interessado em fotos de peças estragadas de robôs. Não é muito *sexy*.

Ao perceber o tom sarcástico empregado pela engenheira, Marta se cala e se ajeita no banco. As duas mulheres permanecem em silêncio, até que a figura de Harley Guedes surge à porta do consultório. Após alguns constrangedores segundos devorando Marta Laurentys com os olhos, o médico cumprimenta ambas e convida Eva para entrar.

No consultório, Guedes indica que a engenheira se deite numa cama instalada junto a um monitor. Em seguida, o médico aperta alguns botões num teclado e hastes de metal saem do leito, que é, na verdade, uma máquina examinadora. Os fios grudam-se aos pulsos, aos tornozelos, às têmporas e ao tórax de Eva, que — já familiarizada com o procedimento — permanece com os olhos fechados. Alguns segundos se passam e as hastes se retraem, voltando para o interior da máquina.

— Pronto, senhorita Eva Lins! — anuncia Harley. — Pode se levantar.

A engenheira desce da cama e se recosta numa das paredes do recinto, enquanto Guedes observa as informações exibidas no monitor. A análise dura poucos minutos, até que o médico aperta um botão e desliga a máquina.

— Seus sinais vitais estão excelentes, novata. Mas não pude deixar de notar que você engordou dois quilos desde o último exame e que seus níveis de colesterol pioraram um pouco.

Lins nada diz, limitando-se a menear a cabeça positivamente.

— Eu estava acompanhando seus *logs* de localização e percebi que já faz um mês que você não vai até à academia. — Harley revela. — Meia-hora diária de esteira certamente lhe faria bem, novata.

— Levo trinta minutos para me deslocar da ala de manutenção de robôs até a academia, doutor. — a engenheira reclama.

— Temos inúmeras *scooters* espalhadas pela estação, novata. — argumenta o médico. — Use uma delas para chegar até a academia.

— Não gosto daquelas coisinhas. Não me parecem seguras. — afirma Lins. — Além disso, nunca tive muita disposição para exercícios físicos.

— Entendo sua posição, novata. Mas, devido às peculiaridades do ambiente da estação, as atividades físicas são uma necessidade para o bom funcionamento de seu organismo. Tente se esforçar para usar a esteira alguns minutos diários. Você ainda tem mais três anos de trabalho aqui. É melhor se cuidar!

— Tudo bem, doutor. — ela se resigna. — Vou tentar manter uma agenda regular de atividades físicas de hoje em diante.

Harley pega um *tablet* e pressiona a tela do dispositivo. O comunicador de pulso de Eva vibra no mesmo instante.

— Enviei os dados de seu exame para você e para o servidor da estação. — fala o médico. — O meu substituto precisará deles no seu próximo exame periódico.

— Seu ciclo aqui está terminando, doutor?

— Sim. — responde Guedes, com uma expressão de alívio no rosto. — Vou embora junto com o próximo cargueiro vindo da Terra, daqui um mês. Não vejo a hora de ir para uma praia artificial, me estirar numa cadeira e encher a cara!

Cerca de cinquenta anos antes, com a abolição do uso de combustíveis fósseis na Terra — por questões ambientais e pelo esgotamento das reservas naturais de petróleo —, a enlouquecida corrida de empresas por alternativas mais limpas para o acionamento de máquinas acabou elegendo o hidrogênio como o novo combustível planetário. Motores movidos por células que convertiam o elemento em energia foram desenvolvidos, se mostrando bem mais eficientes e limpos que seus ancestrais impulsionados pela combustão a diesel. Como consequência, ocorreu o aumento exorbitante da demanda pelo gás, que levou a **HidroBrás** a buscá-lo em Júpiter, onde existe abundantemente na atmosfera.

Por questões fisiológicas, cada funcionário contratado pela multinacional brasileira para trabalhar na Estação Éden fica apenas quatro anos no complexo. Seu traslado acontece por meio dos gigantescos cargueiros que partem da Terra em direção a Júpiter para recolher o hidrogênio líquido e transportá-lo para o Planeta Azul. As naves de carga demoram cerca de vinte e quatro meses para vencer o percurso, e uma vez por ano uma delas aporta na lua jupiteriana para coletar o líquido e retornar. A cada chegada de um cargueiro, um membro humano da estação parte, sendo substituído por outro que viaja na nave. Como havia chegado na última espaçonave, Lins ainda carrega o apelido de *novata*, mesmo após onze meses. Em mais alguns dias, porém, a desconfortável alcunha terá outro dono.

— Você sentirá minha falta? — o médico pergunta, se aproximando da engenheira e tentando colocar a mão em seu ombro.

— Muito pouco, doutor. — responde Eva, esquivando-se e se dirigindo para a porta do consultório. — Mas acredito que outras pessoas sentirão mais do que eu.

A engenheira abre a porta do cômodo e sai rápida e atabalhoadamente, passando por Marta Laurentys sem dizer uma palavra sequer.

CALISTO, 04/12/2186

Um incidente com uma das naves coletoras havia danificado dois robôs responsáveis por manusear os tubos que sugam o hidrogênio de Júpiter para dentro dos tanques do veículo de captação. Projetadas para suportar as impiedosas intempéries que varriam a atmosfera do maior planeta do Sistema Solar, as máquinas coletoras possuíam carcaças bastantes robustas. A mais avariada das duas, todavia, havia sido atingida por um raio e tivera uma parte considerável de sua proteção externa derretida. A segunda portava diversos arranhões em sua carcaça e tivera seu *display* principal destruído.

O par de autômatos se encontra sobre as mesas de reparo instaladas na oficina de Eva. A engenheira examina o mais avariado deles e analisa os dados gerados pelo *software* de diagnóstico que varre o sistema operacional da máquina coletora. Os resultados apontam que diversas placas internas se encontram inoperantes, tornando necessário o desmonte de boa parte do robô. Prevendo longas horas de árduo trabalho, Lins dá um profundo suspiro.

— Está tudo bem, senhorita Lins? — pergunta o androide Roy, seu principal assistente de manutenção.

— Está sim, Roy. Está tudo bem.

Ao contrário dos robôs coletores — que, devido às suas funções, possuem um acabamento bastante grosseiro e formas que lembram os antigos maquinários industriais do século XX —, o androide assistente pode ser facilmente confundido com um humano de verdade. Fabricado pela **PKD Robotics** — o mais poderoso conglomerado tecnológico terrestre —, Roy faz parte da série **OmniDroid-35**, a mais avançada

categoria de robôs antropomorfos desenvolvida até então. Dotados com tecnologia de ponta em Inteligência Artificial e *Machine Learning*, os **OmniDroids** possuem uma estrutura corporal que imita perfeitamente todas as características de um corpo humano: pele, cabelos, olhos e mesmo os órgãos internos. O único detalhe que permite distingui-los de uma pessoa real, a olho nu, consiste em um pequeno código de identificação localizado na parte interna do pulso da mão esquerda.

— Os sensores de proximidade desta unidade foram danificados e precisarão ser trocados, senhorita Lins. — afirma o androide, com sua voz educadamente monotônica. — Você deseja que eu faça a substituição?

— Sim, Roy. Por favor.

Sem dizer uma palavra, o autômato afasta-se da engenheira e se dirige até o depósito de peças, localizado num enorme cômodo contíguo à oficina. Além dos módulos convencionais de convivência, instalados em todas as unidades **OmniDroid**, o cérebro artificial de Roy recebeu itens adicionais sobre manutenção de robôs. Isso significa, na prática, que o androide é tão ou mais capaz de reparar os robôs coletores quanto a própria Eva, que já se perguntara — diversas vezes — quanto tempo demorará para que as máquinas consigam administrar a Estação Éden sem auxílio de humanos.

O assistente robótico retorna com as peças necessárias para reparar o autômato coletor e imediatamente começa a desmontá-lo. Enquanto desenvolve seu trabalho, Roy permanece calado. Tal sisudez representa uma das características dos andróides que mais agrada Lins: eles somente se manifestam quando instados a falar, quando precisam de uma aprovação humana para realizar uma determinada ação ou quando percebem algo de errado com os indivíduos ao seu entorno. Por conseguirem ficar em silêncio por horas a fio, se tornaram a companhia perfeita para a engenheira.

Substituir placas defeituosas é um processo lento e meticuloso, mas Eva o domina com tamanha destreza que consegue pensar em outros assuntos enquanto conserta o robô coletor. Sem perceber, começa a cantarolar uma canção de sua cantora favorita: *“Penso em você numa noite de luar / E todas as estrelas parecem chorar / Quando há muito a perder / Nunca há tempo para dormir”*³

— Está tudo bem, senhorita Lins? — o androide pergunta.

— Sim, Roy. — ela responde, saindo de seu devaneio e girando a cadeira na direção do robô. — Por quê?

³ Tradução livre de trecho da música *“Stars All Seem To Weep”*, presente no álbum *“Central Reservation”*, lançado em 1999 pela cantora britânica Beth Orton.

— Meus sistemas de análise semântica e de cognição perceberam uma conotação bastante melancólica no conjunto de palavras e na melodia da música que você está cantando, senhorita Lins. — explica o autômato. — Com base nessas premissas, minha programação exige que eu faça esta verificação verbal.

— Se todos os homens de carne e osso tivessem essa preocupação, meu amigo... — Eva comenta, entrementes um sorriso desanimado. — Tudo seria mais fácil.

— Segundo meu entendimento, os seres humanos possuem graus variados de preocupação, o que gera um espectro quase infinito de possíveis reações, senhorita Lins. — Roy afirma. — Esperar de todos os homens um comportamento uniforme é ilógico.

— Temo que é não necessário ser um androide com um poderoso cérebro artificial para chegar a esta conclusão. — diz a engenheira. — E, mesmo assim, nós, humanos, ainda insistimos em esperar por isso.

A jovem gira a cadeira novamente, colocando-se de frente para o robô coletor avariado. Aquele gesto indica para Roy que a conversa não deve prosseguir. Ambos voltam, então, a trabalhar nos reparos. Todavia, após alguns minutos de silêncio, Eva — sem perceber — retoma a canção: *“Todas as coisas que tomamos como certas / As palavras ainda vivem na minha cabeça / Todas às vezes que eu tomei como certas / Todas as palavras que eu nunca disse.”*⁴

— Perdoe minha intromissão, senhorita Lins. — diz o androide. Apesar das palavras utilizadas e de toda a sofisticação de sua inteligência artificial, Roy, como qualquer outro **Omni-Droid** da série 35, possui apenas uma entonação de voz. — Mas minha lógica de programação não consegue entender sua insistência em cantar algo tão deprimente. Com todo o respeito, eu simplesmente não consigo perceber qual seria o possível efeito positivo deste ato. O que você sente ao fazê-lo?

“Já temos quase dois séculos de pesquisa e desenvolvimento e ainda não conseguimos dotar os andróides de algumas sensações tão banais.” — pensa a engenheira. A própria Eva, entretanto, constata que definir o efeito que aquela música exerce sobre si é muito mais complexo do que imagina. Por isso, fica alguns instantes em silêncio — encarando a face humanizada, mas completamente sem expressão, de Roy —, selecionando as palavras que melhor pudessem traduzir a sensação tão abstrata:

— Quando escuto uma música triste, percebo que existem outras pessoas que compartilham ou, pelo menos, compreendem minha sensação de incompletude. Isso me ajuda, pois, de certo modo, constato que não estou sozinha. Este sentimento de solidão coletiva que me conforta.

⁴ Tradução livre de trecho da música *“Stars All Seem To Weep”*, presente no álbum *“Central Reservation”*, lançado em 1999 pela cantora britânica Beth Orton.

Se o androide conseguisse reproduzir feições humanas, uma multitude de rugas teria surgido em sua frente. Apesar de todos os esforços feitos por programadores ao longo de toda a história da Robótica, o cérebro computadorizado de Roy não consegue encontrar sentido nos termos empregados por Eva. Seus circuitos lógicos não entendem como a engenheira consegue compartilhar um sentimento e não se sentir sozinha quando efetivamente não está acompanhada por outro humano.

— Sinto muito, senhorita Lins. Mas não entendi sua colocação.

— Não se preocupe, meu amigo. — diz a engenheira. — Talvez nem eu mesma consiga entender o que acabei de dizer. Quero apenas que você não se preocupe se eu estiver cantando algo triste de agora em diante. Entendido?

— Registrado, senhorita Lins. — o androide confirma.

— Voltemos ao trabalho então.

CALISTO, 02/01/2187

Pela primeira vez em quase um ano, todos os humanos da Estação Éden se encontram reunidos no mesmo recinto: o saguão de desembarque da plataforma de aterrissagem dos cargueiros. Devidamente perfilados e vestindo seus uniformes de gala, eles aguardam a abertura da porta que dá acesso à câmara de descontaminação da plataforma. Do outro lado, está a tripulação do *HBR-C10989* e o novo membro do complexo industrial, que substituirá Harley Guedes.

O cargueiro espacial, que carrega as cores da bandeira do Brasil em sua fuselagem, é o maior e mais moderno da frota da **HidroBrás**. Com capacidade para transportar mais de 50 bilhões de métricos cúbicos de hidrogênio liquefeito — cinco vezes mais que o modelo que o antecede —, o *HBR-C10989* faz sua viagem inaugural. A nave de carga chegara a lua de Júpiter um dia antes, mas — em razão de seu tamanho colossal — demorara quase vinte horas para executar as manobras de aproximação e aterrissagem na pista da Estação Éden. As dimensões absurdas do cargueiro impressionaram os habitantes do complexo, visto que o calado da nave possui, pelo menos, quatro vezes o tamanho do pé-direito da oficina de Eva, o mais alto cômodo do local.

— Por que apelidaram este cargueiro de *Sérgio Cabral*, Márcio? — Eva pergunta, enquanto esperam a abertura da porta.

Como todas as naves da imensa frota da empresa brasileira, o cargueiro possuía — além de seu número de série — um pseudônimo informal. O do *HBR-C10989* herdara o nome de um notório corrupto que governara o estado do Rio de Janeiro no começo do século XXI. Acusado do desvio de muitos milhões dos cofres públicos,

enriqueceu ilícita e pornograficamente enquanto o estado sob sua responsabilidade ruiu de forma trágica. Condenado, passou o resto de seus dias na cadeia, tendo seu nome para sempre ligado à corrupção e à ignomínia.

— Os rumores dizem que, assim como o apetite de Sérgio Cabral por propinas, o tanque deste navio parece não ter fim. — explica o gerente-geral do complexo.

Lins meneia a cabeça e volta a observar a porta da câmara de descontaminação. Não é possível ver o que acontece do outro lado do pórtico, feito de aço maciço e sem janelas instaladas, mas a luz vermelha instalada ao lado dela indica que o processo de limpeza ainda se encontra em andamento.

— Quanto tempo levará para que a nave seja carregada, senhorita Laurentys? — questiona Queiróz.

— Sete dias, no mínimo, Márcio. Não se bombeia cinquenta bilhões de metros cúbicos de hidrogênio líquido de um dia para outro.

O gerente-geral suspira, impaciente. Com os demais cargueiros, gastava-se apenas um dia para encher os tanques. Devido ao tamanho descomunal do *Sérgio Cabral*, Queiróz se vê forçado a fornecer acomodações e comida para seus tripulantes por uma semana. A Estação Éden possui espaço e mantimentos suficientes para receber até cem pessoas por uma semana — até mesmo porque as naves de carga também transportam uma quantidade enorme de suprimentos —; o que incomoda Márcio é a presença de estranhos vagando pelo complexo por tanto tempo.

Os residentes da estação esperam por pouco mais de vinte minutos — que, para eles, parecem uma eternidade — até que o processo de descontaminação termina. Um bipe soa e o *display* da porta muda de vermelho para verde. Em seguida, o pórtico começa a subir, lentamente revelando as pessoas que estão do outro lado. Apesar de suas dimensões, o *Sérgio Cabral* possui um moderno sistema de controle que permite que apenas quatro profissionais humanos o operem: um capitão, responsável por administrar a nave e comandar o restante da tripulação; um navegador, com a função de traçar o percurso; um piloto, que efetivamente conduz o cargueiro; e um engenheiro de manutenção, que monitora os sistemas da embarcação, para mantê-los em bom funcionamento. Alguns poucos robôs e androides — preparados para realizar tarefas específicas — assistem o quarteto de humanos. Desta forma, uma nave de carga gigantesca como o HBR-C10989 necessita de uma tripulação bastante reduzida.

Márcio Queiróz sabe do número de pessoas necessários para administrar uma nave e já havia recebido — com alguma antecedência — os arquivos com informações pessoais e profissionais do quarteto de tripulantes: Geraldino Rodrigues, o capitão; Pedro Carvalho, o piloto; Gabriela Medeiros, a navegadora e Jenecir Soares, o engenheiro de manutenção. Além destes, o

gerente-geral também recebera o arquivo de Viktor Werther, o médico que substituirá Harley Guedes.

Todavia, uma sexta pessoa sai da câmara de descontaminação: uma mulher tão deslumbrante que parece uma escultura renascentista. Marta Laurentys é uma bela mulher, mas grande parte de seu apelo advém de exercícios físicos, alimentação regrada, diversas intervenções cirúrgicas e o uso de trajes que acentuam suas curvas. Já a recém-chegada possui graciosidade e beleza tão arrebatadoras e naturais que os residentes no complexo têm a impressão de que se encontram diante de uma divindade.

Seguindo o protocolo da **HidroBrás**, Márcio cumprimenta solenemente o capitão do *Sérgio Cabral* e entrega-lhe uma garrafa de um caríssimo champanhe francês. Em seguida, o gerente-geral da Estação Éden presenteia os demais tripulantes com barras de um fino chocolate belga. A última a receber o presente é a sexta passageira.

— Eu não recebi seu arquivo pessoal, senhorita. — comenta Queiróz, tentando disfarçar a sensação de desconforto que a beleza de sua interlocutora lhe causa.

— Eu sou Rachel Almeida, supervisora de processos. — anuncia a beldade, com uma voz sublime e hipnótica. — Realmente, não sei porque o meu arquivo não lhe foi remetido, senhor Queiróz, mas terei prazer em transmiti-lo pessoalmente para seu comunicador.

— Certamente, senhorita Almeida. — aquiesce o gerente-geral. — Como você deve saber, as normas da companhia regem que os arquivos de todos os tripulantes do cargueiro sejam enviados para o administrador da Estação Éden com, pelo menos, uma semana de antecedência.

— Sim, você tem razão, senhor Queiróz. — Rachel concorda. — Todavia, eu não sou uma tripulante do *Sérgio Cabral*. Fui enviada para me juntar à sua equipe.

Márcio sente a face enrubescer e resiste ao impulso de perguntar exatamente o que uma supervisora de processos pretende fazer em seu complexo. Estaria a Administração Central da **HidroBrás** desconfiando de algo?

— Seja bem-vinda, então, senhorita Almeida. — o gerente-geral saúda, de maneira pouco convincente. — Venham, todos! Ordenei que um almoço especial fosse preparado para comemorar chegada de vocês. Por favor, sigam-me!

Márcio Queiróz conduz os recém-chegados até o refeitório principal do complexo. O administrador da estação não exagerou ao afirmar que um almoço especial havia sido preparado para os visitantes: em vez da insonsa comida enlatada ou das porções sem sabor de ração espacial, Márcio usara o forno de micro-ondas da cozinha para assar quase cinco quilos de picanha bovina. Embora o sabor da carne que passou um ano dentro de um congelador não se compare

ao de uma peça fresca, para os tripulantes do cargueiro e os residentes da estação — acostumados a refeições pouco apetitosas — trata-se de um luxo.

O almoço é servido numa mesa para vinte e duas pessoas. De maneira totalmente espontânea, os residentes da estação e os recém-chegados se organizam em três grupos: Márcio Queiróz, o capitão Geraldino Rodrigues e o piloto Pedro Carvalho sentam-se numa extremidade da mesa, com o gerente-geral ocupando a cabeceira e os outros dois se instalando à sua esquerda e à sua direita. Ao centro, no lado direito, encontra-se Marta Laurentys, ladeada por Jenecir Soares, o engenheiro de manutenção do cargueiro. Também ao centro, no lado esquerdo, Rachel Almeida se vê espremida entre Harley Guedes e Guilherme Freitas. Já na extremidade oposta, Viktor Werther — o novo médico do complexo —, Gabriela Medeiros — a navegadora do *Sérgio Cabral* — e Eva Lins conversam.

Os homens sentados à cabeceira da mesa — mais velhos, casados e pais de família — discutem assuntos estritamente profissionais, como o tempo gasto para transportar os mantimentos, suprimentos e equipamentos trazidos pela nave de carga para dentro da Estação Éden. O cargueiro trouxera novos robôs de coleta e peças de manutenção, além de comida, água, roupas e utensílios de uso diário dos residentes do complexo. Todo o processo é conduzido e executado exclusivamente por andróides, cabendo a Márcio Queiróz apenas monitorá-lo através de seu *tablet*.

Na parte central da mesa, tanto Rachel quanto Marta recebem cantadas por parte de seus interlocutores. Além da beleza de ambas, as mulheres constituem uma novidade para os homens, o que explica o furor com que Harley, Guilherme e Jenecir investem sobre elas. Enquanto Laurentys se entedia com os galanteios pouco criativos de Jenecir e não se preocupa em responder às diversas perguntas que ele lhe faz, Almeida mantém um semblante agradável e conversa educadamente com o médico e o piloto.

No fim da mesa, Viktor, Gabriela e Eva conversam sobre amenidades e curiosidades de seus campos de conhecimento. Werther tem mais charme do que beleza, além de bastante simpático. Medeiros e Lins não possuem a exuberância de Marta e Rachel, mas não podem ser consideradas feias. De qualquer forma, a conversa dos três — em momento algum — ultrapassa os limites do profissionalismo: Gabriela se revela muito tímida, Eva permanece na defensiva e Viktor não demonstra interesse em nenhuma delas.